

PAISAGENS EM DEBATE N.02

revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU.USP
artigo publicado em setembro/2004

LICENÇA DE USO

Este artigo é disponibilizado sob uma licença Creative Commons, como parte da proposta da Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento (<http://www.espiral.org.br>) e do projeto acadêmico em <http://www.ambiente.arq.br>.

Você pode reproduzir e distribuir esse material desde que citando devida e visivelmente os dados de autoria e publicação, sem adições, cortes ou qualquer meio que altere o sentido ou prejudique a integridade original do material, sem finalidades comerciais ou de propaganda de qualquer tipo, ou em contextos que promovam qualquer forma de violência, o racismo, discriminação. Caso distribua esse material, o fará explicitando essa licença. Sob nenhum aspecto essa licença representa seção de direitos.

UM ROTEIRO PARA ESTUDO DA PAISAGEM INTRA-URBANA (1).

Euler Sandeville Junior

Arquiteto e Urbanista (PUC.Camp, 1981), Arte-Educador (FEBASP, 1983), Mestre e Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas (FAU.USP, 1994, 1999), Pós-Graduação em Ecologia (USJT, 1996). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP
site: <http://www.ambiente.arq.br>

Apresento aqui um roteiro que desenvolvi com colaborações do professor Leonardo Cunha para nossos alunos em 1987. Apesar de que o roteiro foi desenvolvido para uma disciplina de graduação, algumas questões mais gerais são apresentadas neste artigo, circunscrevendo sua validade.

ROTEIROS ABERTOS

A primeira questão é que roteiros são instrumentos de investigação. Integram os procedimentos de pesquisa, definidos no quadro de métodos de trabalho. Assim, roteiros não são método, mas uma parte eventual e possível no detalhamento de um método de trabalho. Se são os métodos relativos aos objetos, aos problemas investigados e ao quadro de referências teóricas do estudo, os roteiros são sempre relativos a essa definição metodológica, pressupondo uma adequação a cada caso e problema específico.

Advertência necessária, para que não se espere de um roteiro mais do que nos pode dar. Assim, nossa relação com qualquer roteiro pode e deve ser criativa, e não uma lista de tarefas mais ou menos cumpridas. Neste sentido, recomendamos a leitura do artigo Paisagens e Métodos. Algumas Contribuições para Elaboração de Roteiros de Estudo da Paisagem Intra-urbana (SANDEVILLE JR., Euler. Revista *Paisagens*, n. 2, 2004, disponível em <http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/>).

O roteiro apresentado é intencionalmente minucioso, no sentido de chamar atenção para a multiplicidade de aspectos, impossíveis na verdade de serem esgotados. E o é também no sentido de que não é um *check list*, mas um apoio a partir do qual cada aluno deve montar seu próprio roteiro. Ou seja, não está pronto, deve ser elaborado. Razões também pelas quais, apesar de minucioso, permanece aberto. É apenas uma referência, entre outras que estão disponíveis.

Deve-se chamar atenção para a estrutura em que se organizam os tópicos do roteiro anexo: localização (entendida aqui no sentido proposto por SANTOS, Milton. *Espaço & Método*. São Paulo, Nobel, 1985, que ultrapassa a idéia de "endereço", para ser a explicação desse "endereço"), fisionomia, características ambientais, estrutura, dinâmica, apropriação, legislação, intervenção (na medida em que a proposição não ocorre independente e seqüencialmente ao levantamento, como às vezes a racionalização de nossas metodologias pode dar a entender). **Logo se notará que o roteiro foi pensado para uma paisagem urbana central no contexto das grandes cidades do sudeste brasileiro.** Para a observação de áreas naturais com vegetação foi elaborado em outro momento um outro roteiro de referência que virá a ser -quem sabe?- objeto de outro artigo no futuro.

Finalmente deve-se destacar aqui a importância central que é dada à experiência direta com a paisagem nesse roteiro. Diria sobre isso que, apesar de suas sugestões de idas e vindas, ainda corre o risco de sugerir uma linearidade do olhar que nunca foi nossa intenção. Ou seja, não é possível uma ordem necessária na percepção, o caminhar pela paisagem pode ser uma experiência aberta ao aleatório e ao imprevisível, a todos os sentidos além do visual e ao sentido dos sentidos, aos textos além de imagens, textos não escritos que se dão na conversa, que vai abrindo caminhos não pensados e transformando o roteiro.

Talvez esta seja a principal questão a avançar sobre o roteiro apresentado, para que tenha sua validade. Ou seja, a paisagem é uma experiência, e assim pode ser conhecida. Sobre isso, a própria noção de leitura da paisagem como tantas vezes nos referimos fica posta em cheque, sobretudo caso se assente numa perspectiva de que a paisagem deve ter legibilidade (conceito e pressuposto que certamente terá de ser revisto).

Assim, pedimos que aqueles que se utilizarem deste roteiro em anexo, o façam na perspectiva aqui apresentada, considerando inclusive que foi elaborado para um contexto específico urbano e temático de uma disciplina e, sobretudo, que o utilizem na perspectiva de uma racionalidade intuitiva, aberta e sensível. Ou seja, é um ponto de partida a ser trabalhado e elaborado em função de uma situação

específica (que colocará, modificará ou excluirá pontos, especificando-os de modo particularizado), jamais um ponto de chegada que se possa aplicar a qualquer caso.

UM ROTEIRO PARA ESTUDO DA PAISAGEM INTRA-URBANA

Elabore desenhos de observação e fotos registrando *in loco* as características da paisagem e anote eventuais questões a desenvolver e a enfrentar no projeto (2). Procure conversar com usuários diferentes, conhecendo sua apreciação da área e as razões para isso (porque utiliza o local, onde mora, o que gosta e o que falta etc.). Analise a área tanto de seu entorno para seu interior como vice-versa, anotando suas sensações, impressões e idéias a partir de diversos locais na área de estudo.

1. LOCALIZAÇÃO (3)

- onde se situa e qual sua importância local e regional,
- condição topográfica e referências biofísicas,
- acessibilidade (4),
- identidade ou peculiaridade em relação a outros tipos de locais públicos e de usos e ocupações do solo,
- pontos notáveis etc.,
- revisão dos limites propostos para a área de intervenção e seu entorno.

2. FISIONOMIA (5)

- características físicas do sítio
- pontos e espaços de interesse,
- problemas ambientais e paisagísticos,
- características da vegetação existente,
- elementos existentes no espaço público (6), sua adequação e estado de conservação
- características de ocupação do solo no entorno próximo,

- volumetria e qualidades dos espaços decorrentes,
- relação entre áreas edificadas e não edificadas,
- escala dos objetos na paisagem,
- tipologia dos espaços não edificados,
- tipologia arquitetônica (implantação, parcelamento, volumetria, estado de conservação etc.).

3. CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS (7)

- como se comportam os diversos lugares do ponto de vista da luz, da sombra, da insolação, da temperatura, da água, qualidade do ar, sonoridade, aspectos táteis, olfativos, visuais
- poluição e saúde pública

4. ESTRUTURA

- unidades em que pode ser subdividida a paisagem (especificar os critérios utilizados para definir fronteiras para a paisagem),
- como se organizam, se relacionam e se diferenciam as unidades, os fatores estruturadores e os pontos notáveis
- fatores dos quais depende e como surgiram
- principais valores, potenciais e problemas e **critérios que utilizados para defini-los**
- fatores responsáveis por suas diferenças ou semelhanças com paisagens
- zoneamento atual (potencial de uso da área, sub-áreas, entradas, caminhos, pontos de ônibus, áreas de estar, polarização de fluxos, locais inadequados, sub-utilizados, comprometidos, conflitos existentes).

5. DINÂMICA (8)

- fatores responsáveis por seus processos de transformação ou de manutenção

- histórico da área na cidade e aspectos históricos, recentes ou não, de sua evolução
- composição, densidade e dinâmica da população no tempo e no espaço,
- evidências e símbolos dos processos naturais (quais são prontamente evidentes na paisagem?),
- como interagem os fatores, objetos e estruturas identificadas,
- serviços públicos e particulares, infra-estrutura existente,
- indícios de processos ou tendências de manutenção e transformação nessa paisagem (9),
- Que se terá de fazer para conservar seu estado atual ou fazê-lo evoluir em direções consideradas mais favoráveis? Que fatores e agentes estarão implicados na condução desse processo e que estratégias serão necessárias para atingi-lo? Quais as imagens, os valores e critérios que estão por trás de sua decisão do que construir, do que conservar, do que mudar, do que recompor?

6. APROPRIAÇÃO (10)

- características sócio-econômicas, culturais e étnicas
- utilização do espaço: preferências aos diversos setores do local ou em outros locais, deslocamentos, distribuição no espaço e no do tempo
- percepção ambiental (11) por distintos grupos sociais, locais ou não,
- marginalidade e sociabilidade (da população residente, usuários, trabalhadores, homens de rua, crianças, idosos etc.)
- subdivisões e denominações atribuídas pela população,
- projetos pessoais os trouxeram ao local,
- comportamento (12),
- atividades ilegais (jogo, tráfico, comércio etc.),
- condições de segurança (viaturas, segurança pessoal e patrimonial, combate a incêndio etc.)

- quão agradáveis são esteticamente os diversos espaços para diferentes grupos sociais,
- os ambientes favorecem os usos que já ocorrem neles, o estar, o percorrer, o olhar; proporcionam condições diferenciadas e interessantes para essas atividades?
- conflitos causados por categorias de uso incompatíveis, comportamentos antagônicos, opções de projeto, ausência de projeto, uso excessivo etc.

7. LEGISLAÇÃO (13)

- usos permitidos
- coeficientes urbanísticos
- proteção ambiental (tombamento, reservas etc.)
- edílicia
- urbanística (projetos especiais, operações urbanas, incentivos etc.)

8. INTERVENÇÃO

- recomendações (ilustradas) do que fazer para facilitar e melhorar as condições de uso ou alterá-las se necessário,
- justificativas e implicações históricas e culturais
- atividades a serem estimuladas, coibidas ou introduzidas visando beneficiar determinada parcela da população,
- importância para a cidade e melhorias locais
- agentes, políticas e estratégia da intervenção.

1. Usamos a expressão intra-urbana para nos referirmos aos espaços no interior da cidade. Neste sentido, sem a pretensão de um debate conceitual, empregamos o termo em sentido diverso da aceção dada por VILLAÇA, Flavio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. (1988). São Paulo, Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001, 2TM ed., onde para evitar uma confusão do espaço urbano com o regional, adota o termo intra-urbano para designar a cidade, a totalidade da área urbanizada.
2. Algumas escalas indicadas: 1:25.000 (análise urbanística), 1:10.000 (análise de entorno), 1:1.000 ou 1:500 (análise da área e entorno imediato em termos de ocupação, usos, paisagem), outras para maior resolução de detalhes. As escalas em questão podem servir de base para croquis e esquemas conceituais.
3. Qual sua compreensão da inserção urbana da área? Analise-a na escala da cidade.
4. Viário e ligações com o sistema de circulação urbana e com entorno imediato (acessos livres e controlados, barreiras físicas e visuais, marcos)
5. Quais são as características paisagísticas e morfológicas da área e o potencial de seu entorno imediato?
6. bancos, mesas, telefones, lixeiras, semáforos, caixas de correio, bancas de jornal, hidrantes, caixas automáticos, bocas-de-lobo, postes etc.
7. Experimente permanecer cerca de 15 minutos em um lugar e anote suas sensações, impressões, movimentos das pessoas, animais e veículos, considerando atividades desenvolvidas no local, vistas, ruídos, sons, cheiros, objetos interessantes, conflitos etc.
8. Por que esta paisagem é assim?
9. Trata-se de um sistema em razoável estabilidade, em mudança ou sob intensa alteração? Qual será sua provável evolução futura?
10. Deve estar baseada em estudos quantitativos e qualitativos, sendo imprescindível a realização de entrevistas com pessoal da manutenção, usuários e outros. **Ouvir moradores, trabalhadores ou outros usuários é essencial.**
11. Como se relacionam com os objetos da paisagem e sua dinâmica e como lhe atribuem valores?
12. Marcas de uso (jornal, latas, grama gasta, dejetos, deterioração ou depredação de equipamentos, presença de usuários diversos em sexo, idade, poder aquisitivo etc.
13. Revisão crítica da legislação.